

**25/8/1988**

## **Dinâmica da produção pode criar uma nova elite de trabalhadores**

por Cláudia Izique

de Jaboticabal

A cana-de-açúcar e a laranja podem estar criando uma elite de trabalhadores rurais, como os metalúrgicos da indústria automobilística, entre os operários urbanos. A dinâmica da produção do álcool e o mercado internacional do suco de laranja repercutiram nas relações de trabalho, regidas, hoje, por acordos coletivos que unificam as oportunidades da cidade e do campo.

O rendimento mensal médio de canavieiros atinge CZ\$ 68,4 mil (para uma produtividade média de 9 toneladas diárias em agosto). Entre os apanhadores, a média mensal de salário está em CZ\$ 35 mil (para uma colheita diária de sessenta caixas em agosto), enquanto se discute o acordo coletivo de trabalho. "O pessoal foge da construção civil para ganhar mais no campo", diz Everaldo Jorge da Silva, diretor do Sindicato da Construção Civil de Ribeirão Preto. "Isso é bom, anima o mercado."

O salário médio de um pedreiro, (CZ\$ 40 mil) e o de um servente (CZ\$ 30 mil) ficam abaixo dos valores pagos no campo aos apanhadores de laranja e aos cortadores de cana. Silva espera pelo aumento das ofertas de salários na construção civil para não faltar mão-de-obra até dezembro quando terminarem as safras.

### **Canavieiros mudam as suas relações trabalhistas**

No processo de modernização das relações de trabalho no campo, os canavieiros têm posição de destaque. Desde as greves de Guariba em 1984 eles se distanciam cada vez mais da imagem clássica do bóia-fria, e não apenas por ganhos de salários. Pelo último acordo coletivo, as usinas e destilarias se comprometem a pagar "a diferença entre o salário normativo e o auxílio previdenciário ao empregado afastado por até trinta dias por motivo de doença", e a "diferença correspondente à complementação da remuneração devida durante o período de inatividade por acidente de trabalho, com estabilidade de sessenta dias após seu retorno".

Os trabalhadores da cana são transportados em veículo "com condições de segurança e comodidade". Recebem equipamentos de proteção como luvas, botas e roupas adequadas ao corte da cana e têm acesso a barracas removíveis para fins sanitários.

Ainda pelo acordo, os contratos de trabalho devem ser celebrados diretamente entre as usinas e destilarias e o empregado rural. A intermediação na contratação da mão-de-obra — "o gato" — só é admitida quando se trata "de empresas regularmente constituídas", dispostas a cumprir as cláusulas do acordo. "É mais fácil a usina cumprir a legislação do que 'o gato' que não tem recursos nem capital". diz Carlos Roberto do Amaral Barros, juiz do Trabalho em Jaboticabal (SP).

Os apanhadores de laranja ainda convivem com intermediários na contratação de mão-de-obra. A responsabilidade da colheita, que é das indústrias de suco, é transferida para empresas prestadoras de serviço. Os contratos de trabalho e acordo coletivo são celebrados entre os apanhadores de laranja e empreiteiras de mão-de-obra em todo o Estado de São Paulo. "As indústrias de suco de laranja não têm estrutura para administrar o trabalho de cerca de 100 mil apanhadores em toda a safra", diz Mauricio Campos Veiga, advogado das empreiteiras. Apenas a Cargill Citrus contrata diretamente através de departamento de mão-de-obra rural. Anualmente são registrados entre 8 mil e 10 mil empregados para a safra, de

acordo com Célio Aparecido Cândido, responsável pelo Departamento de Mão-de-Obra Rural da Cargill.

O contrato de trabalho intermediado é o principal obstáculo nos entendimentos do acordo coletivo para esta safra. Depois de um mês de negociações, as discussões foram adiadas "sine die", até que por solicitação da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de São Paulo (Fetaesp), as indústrias de suco participem dos debates.

Para os apanhadores de laranja a condição dos canavieiros é privilegiada, mas apesar da coincidência de safra (entre maio e dezembro) e a proximidade das regiões produtoras de laranja e cana, os dois mercados de trabalho são distintos. Os apanhadores de laranja consideram o trabalho da cana árduo e especializado. "Apanhar laranja é mais limpo, mais leve e até mais divertido", diz Jurandir Carlos, apanhador em Taquaritinga (SP), município onde a citricultura é forte.

Na avaliação de Luiz Lopes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Taquaritinga, os apanhadores de laranja ainda têm um longo caminho a percorrer até a "consciência política" que parece já se manifestar entre os canavieiros.

"As conquistas do trabalho de cana são resultado de uma atuação sindical enérgica, de uma crescente consciência política por parte dos trabalhadores mais jovens e de uma mudança de mentalidade entre os patrões", diz Lázaro Ribeiro de Souza, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ribeirão Preto.

### **Trabalhadores utilizam menos a assistência previdenciária**

Para a boa imagem do empregador contribui a assistência social das usinas, destilarias e fazendas fornecedoras de cana-de-açúcar, que por determinação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) devem Investir 1% do faturamento do açúcar e 2% do faturamento do álcool e 1% sobre o valor de venda de cana, em programas de Saúde, Educado, Lazer e Alimentação aos seus empregados. Neste ano estão previstos investimentos de US\$ 40 milhões em assistência médica e odontológica gratuita, ajuda de custo para compra de remédios, além de garantia de internações clínicas e cirúrgicas, cursos de aperfeiçoamento e formação de mão-de-obra. A educação, recreação e lazer também ficam por conta das empregadoras.

"Canavieiro é um trabalhador privilegiado", considera Donaldo Ferreira de Moraes, diretor do Departamento de Assistência à Produção do IAA. "Cada vez menos trabalhadores procuram assistência previdenciária."

A uniformidade e equivalência de benefícios para trabalhadores rurais e urbanos, de acordo com o novo texto constitucional, é vista com reservas pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ribeirão Preto. "Se houver unificação de salários, o trabalhador da cana, que ganha por produção, sai perdendo", diz Souza. "Se não mudar a estrutura de atendimento previdenciário, trabalhadores urbanos e rurais serão mal atendidos." Na sua avaliação, o próprio sindicato faz melhor assistência médica e odontológica.

Resta o problema da sazonalidade do trabalho nas lavouras de cana e laranja, que resulta numa dispensa grande de mão-de-obra entre dezembro e maio, na entressafra. As duas culturas têm um índice de sazonalidade baixo, bastante próximo da pecuária ou da soja. Não dispensa mão-de-obra como feijão, amendoim e algodão.

No caso da cana, a modernização do setor tende a eliminar completamente o trabalho temporário de colheita. Nesta safra, as usinas e destilarias de São Paulo têm 35% da colheita mecanizada. A intenção dos usineiros é manter um ponto de equilíbrio no uso de mão-de-obra, para empregar apenas trabalhadores fixos suficientes em número para manter os tratos

culturais da lavoura de cana e das lavouras de soja, amendoim e milho nas áreas de reforma dos canaviais.

As colhedoras mecânicas substituem o trabalhador volante. Os usineiros estimam que com algo em torno de 50% de mecanização, não haverá mais mão-de-obra temporária, sem causar problemas sociais. A mecanização não ameaça os trabalhadores. Segundo Lázaro Ribeiro de Souza, “já faltou mão-de-obra, no ano passado”, diz.